

**VIDAS DESPERDIÇADAS
UM ESTUDO COMPARATIVO
DOS PERFIS DE CAROLINA MARIA DE JESUS
E ESTAMIRA GOMES DE SOUZA**

Idemburgo Pereira Frazão Félix (UNIGRANRIO)

idfrazao@uol.com

Laurides Lescano Antunes de Aquino (UNIGRANRIO/UFRJ)

laurides@pr3.ufrj.br

1. Considerações iniciais

Zygmunt Bauman, polonês, sociólogo, através de seus livros leva a uma reflexão a respeito dos vários papéis que o indivíduo assume na sociedade em consequência da modernização. Ele estabeleceu conexões entre os muitos campos existentes nas relações humanas e sociais. O tema identidade adquiriu grande importância no contexto de algumas disciplinas, especificamente nas ciências sociais. O assunto não pode ser mais tratado somente no aspecto étnico ou ficar restrito a grupos fechados.

A identidade tornou-se irregular deixando de estar vinculada a um local específico para ser estudada de forma mais ampla, atravessando fronteiras e tornando-se extensamente discutida na teoria social. Bauman atualmente é considerado um dos maiores pesquisadores dos comportamentos sociais e políticos dimensionando a cultura ao processo de globalização e à liquidez dos relacionamentos, daquilo que antes poderia ser considerado sólido e permanente, hoje pode ser tratado como modernidade capitalista.

A vida contemporânea agraciou a sociedade moderna de tal forma que a informação passou a ser elemento primordial no contexto da atualidade. O processo de globalização favoreceu a incorporação de uma sociedade de consumidores que rompeu com padrões antigos de vida e de paradigmas existentes numa sociedade antes produtiva para consumista. As relações sociais foram reconfiguradas e a sociedade se transformou, movida pelo capitalismo exacerbado, tornando-se líquida e excludente, banindo aqueles que não conseguiram acompanhar o progresso da modernidade. A globalização modificou os costumes e o modo de viver da população, gerando a produção de refugo humano devido à saturação de lixo no planeta.

O lixo é ao mesmo tempo divino e satânico. É a parteira de toda criação – e seu formidável obstáculo. O lixo é sublime: uma mistura singular de atração e repulsa que produz um composto, também singular, de terror e medo. (BAUMAN, 2005, p. 32)

O objetivo desta pesquisa é reavivar a memória de duas mulheres negras, pobres e mães que trabalharam durante muitos anos catando papel e lixo, as quais através de suas realidades lutaram pela sobrevivência dos seus. Estas duas catadoras de papel reuniram histórias de vidas que foram transformadas em documentários, filmes e livros.

2. Desenvolvimento

Estas mulheres foram analisadas com base nas definições de Bauman, que encara a pós-modernidade como um processo dentro da sociedade que beneficia uns em detrimento de outros, considerando o lixo como símbolo desta mesma sociedade que consome e é consumida por uma montanha de dejetos, cercada por urubus e por falsos consumidores, os quais dependem destes mesmos dejetos para sobreviverem – denominados catadores de lixo, e que, por sua vez, passam a ser estranhos, excluídos e indesejáveis pela sociedade globalizada.

Somos consumidores numa sociedade de consumidores. A sociedade de consumidores é sociedade de mercado. Todos nos encontramos totalmente dentro dele, e ora somos consumidores, ora mercadorias. (BAUMAN, 2005, p. 154)

Carolina Maria de Jesus e Estamira Gomes de Souza assumiram identidades diferenciadas dentro da sociedade: mulheres lutadoras, catadoras de papel e de lixo, mães, trabalhadoras, críticas, exploradas.

2.1. Carolina Maria de Jesus

A primeira, nascida na cidade de Sacramento – Minas Gerais em 1914, oriunda de família pobre, só teve condições de estudar por dois anos, num colégio espírita. Seu aprendizado ocorreu de forma bem informal, através de folhas de papel encontradas nas ruas. Mudou-se para São Paulo na década de 30, indo morar na favela do Canindé, localizada às margens do Rio Tietê. Carolina ao achar um caderno velho no lixo, resolveu colocar nele sua história de vida, sob forma de diário. Levada pelas mãos do jornalista do *Diário de São Paulo*, Audálio Dantas, ela conheceu o mundo das letras e dos livros, publicando sua primeira obra em

1960, intitulada *Quarto de Despejo*, cuja tiragem inicial estimada em dez mil exemplares, mais tarde atingiu um número bem expressivo de venda – cem mil exemplares.

Sua obra foi traduzida em 14 idiomas. Vários países como Dinamarca, Argentina, Itália, Holanda, França, Estados Unidos souberam reconhecer e valorizar o sucesso obtido através da realização de seu trabalho.

Carolina, conhecida como a escritora “negra e favelada”, semianalfabeta foi protagonista de uma história que poderia ser a história de milhares de brasileiras, por ter o perfil semelhante ao de muitas delas. Um detalhe bem significativo: seu gosto pela leitura e pela escrita, fato que acabou se tornando importante nos meios literários do nosso país. Do modo como seu livro foi publicado, já daria uma história de romance e mais tarde outros livros como *Casa de Alvenaria* (1961), *Provérbios* (1963), *Pedaços da Fome* (1963) e *Diário de Bitita* (obra finalizada após sua morte em 1982, por uma editora francesa A. M. Métaillé) chegaram às livrarias, porém infelizmente não alcançaram o sucesso de seu primeiro trabalho.

Quarto de Despejo foi considerado uma narrativa simples pelos intelectuais da época e, através dos seus contos, ela descobriu uma maneira de contestar as desigualdades e os preconceitos sociais sofridos pela sua classe e pelos moradores da periferia, passando a ser mal interpretada pelos políticos e pela elite dominante do local.

De acordo com Santos (2009, p. 18) “nessa recusa havia preconceito – uma catadora de lixo não podia escrever um bom livro, mesmo um testemunho”.

Carolina estava longe de reconhecer formas e gêneros literários ou até mesmo de analisar um discurso, queria mesmo era contar sua própria história e dela se tornar a personagem principal. Seu modo de escrever causou espanto e admiração no meio acadêmico devido ao seu método diferente de colocar as ideias no papel.

Por não ter completado seus estudos, cursou até o segundo ano de uma escola primária, e apesar da pouca instrução, seu aprendizado em muito auxiliou a realização de seus escritos.

Contudo, seu livro *Quarto de Despejo*, provocou uma transformação de valores na sociedade da época, causando polêmica, por ocasião do final do militarismo em 1964 e, com isto, o crescimento de movimentos

raciais e sociais. O livro alcançou sucesso internacional, obtendo seu lugar no mundo literário brasileiro, traduzido para várias idiomas.

Bauman classifica de refúgio humano todo aquele que não consegue se inserir no processo de globalização.

Carolina relatou que, quando não tinha o que comer, ela escrevia. Levada pelas orientações de sua professora, dona Lanita Salvina, as pessoas instruídas viviam com mais facilidade e que lesse e escrevesse tudo que surgisse em sua frente, e assim, a escritora conseguiu por intermédio de Audálio, a publicação de seus escritos.

Segundo Carolina, sua vida toda foi impulsionada pelos livros, viveu boa parte dela no meio de marginais e graças aos livros adquiriu boas maneiras e boa formação de caráter.

Carolina também foi motivo de inspiração e influência para outros artistas. *Quarto de Despejo* ainda deu nome ao samba de B. Lobo, compositor e músico carioca que se mudou para São Paulo nesta época.

A oralidade na obra de Carolina está, pois, na esfera do autor-narrador e no seu desdobramento, a personagem. A circulação da personagem Carolina por diversos locais na favela ou na cidade traz para o diário tudo o que se estava faltando em São Paulo e no Brasil – e também no mundo- naquele momento. É por meio das andanças que Carolina se inteira sobre os temas da vida nacional da época para depois retratá-los no diário. Trata-se de demissões em massa, congelamento de preços, inflação, inauguração de Brasília, e mais uma série de notícias que são veiculadas pela mídia e que ela lê diretamente nas bancas de jornais. (SOUZA, 2012, p. 139)

E assim Carolina descreveu em seu livro, “8 de agosto. Saí de casa as 8:horas. Parei na banca de jornais para ler as notícias principais.” (*Quarto de Despejo*, 2007, p. 107)

Ainda, a partir da visão de Souza (2012), pode-se afirmar que o poema e o *Diário de Carolina* se tornaram uma maneira nova e diferente de adentrar na Literatura empregando uma linguagem poética que só ela conhecia, ficando conhecida como a escritora vira-lata, linguagem de Carolina foge do senso comum, da banalização e, por outro lado, cai num anacrônico.

30 de julho ... Escrevi até tarde, porque estou sem sono. Quando deitei adormeci logo e sonhei que estava noutra casa. E eu tinha tudo. Sacos de feijão. Eu olhava os sacos e sorria. Eu dizia para o João:

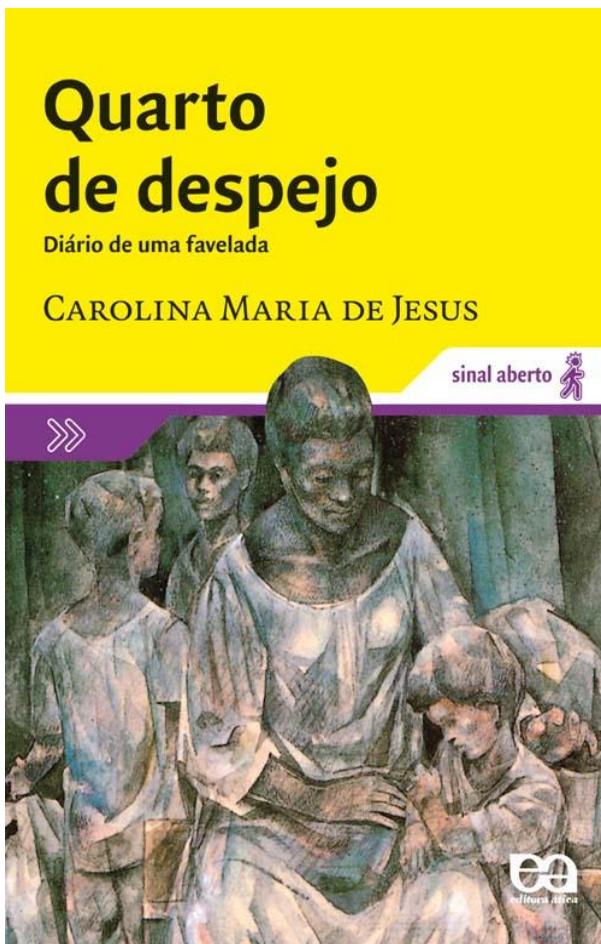
– Agora podemos dar um ponta-pé na *miseria*.

E gritei:

– Vai embora, *miseria!*

A Vera despertou-se e perguntou:

– Quem é que a senhora está mandando ir-se embora?” (*Quarto de Despejo*, 2007, p. 186)



Obras de Carolina Maria de Jesus

Fonte: <http://livrespensadores.net/wp-content/uploads/2013/02/9788508105311.jpg>

As portas do mundo literário foram abertas para Carolina. A escritora passou a ser assunto de programas de televisão, páginas de revistas como *O Cruzeiro*, assuntos de rádio, jornais e até letra de discos de samba. Enfim, Carolina conheceu a fama, porém nem todo esse sucesso conseguiu torná-la mais feliz. Sua altivez incomodou muitas pessoas. A autora foi consumida pela sociedade da época que tanto a exaltou. Não soube administrar seu dinheiro, pois como sempre fora de origem pobre passou a ajudar aos que recorriam a ela em busca da sua generosidade, porém devido a toda essa exposição foi descartada como um objeto sem valor.

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado: composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias e não resolvidas. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. (HALL, 1998, p. 12)

Seus livros em especial, *Quarto de Despejo*, tornou-se um grande diferencial para os estudos culturais e literários pela representatividade na literatura afro-brasileira. Algumas de suas anotações fizeram parte da literatura francesa e espanhola.

Esta obra relatou uma das faces cultural quando do período de modernização da cidade de São Paulo e da criação de algumas favelas. Carolina através de seus contos detalhou como testemunha a situação sócio-política de uma sociedade que excluía aqueles que lhe são alteridade.

Quarto de Despejo também foi motivo de inspiração para várias atividades culturais: assim como letra de samba, como texto em debate no livro *Eu te arrespondo, Carolina*, de Herculano Neves; como a adaptação teatral de Edy Lima; como filme realizado pela Televisão Alemã o *Despertar de um sonho*.

O diário de Carolina de Jesus tem uma composição, uma tessitura discursiva muito rica. Nas narrativas do gênero memorialístico, o discurso predominante é o do autonarrador, pautado sobre as reminiscências e reflexões sobre o passado, às vezes com inserções no presente e antecipação do futuro direto. É importante observar que a presença maciça de discurso direto nos manuscritos corrobora com o caráter da obra da autora como marcada pelo seu tempo. (SOUZA, 2012, p. 135)

Mais tarde em 1961, com a publicação de *Casa de Alvenaria*, revela nesta obra o seu grande sonho, a sua mudança para o mundo da alvenaria, um mundo concreto, real e seguro, a qual narra uma nova vida,

mas sempre com o posicionamento crítico em relação ao racismo, à fome e à pobreza e assim Carolina registra mais um de seus desabafos.

Carolina Maria de Jesus abriu as portas para uma literatura democrática cuja causa indicava a representatividade do espaço popular inserido nos meios da cultura de elite e juntamente com Cecília Meirelles, Raquel de Queiróz, Clarice Lispector, escritoras consideradas no mundo literário. Carolina rompeu barreiras e conseguiu, mesmo que por pouco tempo, o reconhecimento de seu trabalho, independente se ser mulher negra, pobre e favelada. Cabe ressaltar que a obra de Carolina recebeu destaque em mais de quarenta países. Esta brasileira foi incluída na Antologia de Escritoras Negras, publicada em 1980 pela Randon House – Nova Iorque. Mereceu destaque também no *Hommage a La Femme Noire* no ano de 1989, um tributo às mulheres negras da diáspora.

Seu nome também consta do *Dicionário Mundial de Mulheres Notáveis*, em Lisboa. Preencheu uma lacuna na sociedade, que há muito buscava uma representante para dirimir as causas dos oprimidos e injustiçados.

Sim, curiosamente a autora de tanto sucesso no livro de estreia, depois deste, sofreu enormemente a dor do silêncio e, o que é pior, do esquecimento. Se é verdade que Carolina publicou ainda depois do *Quarto de Despejo* mais três livros (*Casa de Alvenaria*, *Diário de Bitita*, que em conjunto com o primeiro forma a trilogia vivencial da autora, e *Provérbios e Pedacos da Fome*), não é mentira que teve que amargar a fusão de seu nome a uma circunstância política externa a sua experiência como escritora. Uma nítida decadência pode ser constatada no périplo de Carolina, pois seu último livro, *Provérbios*, fora financiado por ela mesma, que não conseguiu mais editores. (MELHY, [s.d.], p. 6)

Carolina Maria de Jesus viveu humildemente após voltar para Paralelos, em São Paulo. Morreu em 13 de fevereiro de 1977, ano que entregou suas memórias biográficas a editores estrangeiros. Terminou seus dias injustiçada, pobre e esquecida assim como Estamira.

Quanto à obra de Carolina, não se pode deixar de abordar outros autores negros como Solano Trindade, Abdias Nascimento, Lima Barreto, Joel Rufino dos Santos e outros tantos que contribuíram através de suas narrativas, e de suas perspectivas ideológicas para discussões sobre o preconceito racial, deixando um legado histórico de luta na busca da representatividade intelectual, política e social.

2.2. Estamira Gomes de Souza

Neste segundo momento abordar-se-á a vida de outra mulher negra, favelada, catadora de lixo e mãe solteira citada anteriormente no início deste trabalho, Estamira Gomes de Souza, nascida em Goiás, de nome raro, expressou uma forte necessidade de falar tal qual sua personalidade. Estas duas mulheres tiveram quase que a mesma trajetória com uma diferença que para Estamira, o seu mundo era representado por uma montanha de lixo, cujo cenário causava repulsa a muitas pessoas, pois além de depender deste meio, ainda achava ser o melhor lugar do mundo para viver.

E assim tornou-se protagonista de um documentário realizado pelo fotógrafo Marco Prado, no ano de 2005. Marcos, ao se preocupar com o destino de seu lixo pessoal resolveu investigar diretamente no antigo Aterro de Jardim Gramacho, conhecido como Lixão de Caxias. Lá encontrou Estamira que aceitou prontamente seu convite para falar sobre aquele ambiente e sobre seu trabalho.

Estamira trabalhou por 20 anos no aterro, separada duas vezes de seus casamentos, criou seus três filhos, catando e separando lixo: Ela sentenciava:

Isso aqui é um depósito de restos e descuido. Às vezes é só resto. E às vezes vem também descuido. Quem revelou o homem ensinou a ele a conservar as coisas. E conservar as coisas é proteger. ... Miséria não! Mas a regra, sim! Por que economizar é maravilhoso. (Palavras de Estamira, no filme de Prado, 2005).

Estamira comparava nosso sistema escravocrata, ressaltando as condições de sobrevivência do trabalhador e as dificuldades que ele enfrentava para se deslocar de sua moradia até o lixão. Ela não via o lixo como um lugar inadequado ou impróprio para trabalhar, fazia questão de deixar claro que se sentia digna de sua profissão, juntamente com seus colegas que dividiam com ela aquele espaço.

Considerando que o lixo pode ser símbolo da pós-modernidade, ele também pode ser associado aos seres humanos que fazem parte de uma sociedade consumista e também de um cenário cujas imagens são representadas por montanhas de dejetos, cercadas de urubus e de falsos consumidores- os catadores que passam a ser pessoas estranhas, excluídas e indesejáveis pela sociedade.

Se os estranhos são as pessoas que não se encaixam no mapa cognitivo, moral ou estético do mundo [...] se eles, portanto, por sua simples presença,

deixam turvo o que deve ser transparente [...] e impedem a satisfação de ser totalmente satisfatória, [...] então cada sociedade produz esses estranhos. (BAUMAN, 1998, p. 27)

Estamira desconectava-se da realidade devido às alucinações provocadas pela sua doença, porém ao mesmo tempo em que vivia suas perturbações mentais, não deixava de estar ligada à realidade através de suas críticas sociais e do sistema a que ela pertencia.

Pressupõe-se que a identidade possa definir a capacidade de falar e de agir, de forma complexa, através do sistema de relações e de representações e cujo dois aspectos se entrelaçam: o individual e o social. Estamira assume vários papéis em sua vida: a de mulher trabalhadora, profissional do lixo, defensora de seus amigos de profissão, utilizando a filosofia para abordar e discutir a respeito das injustiças sofridas pelos excluídos.

A identidade é realmente, algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Ela permanece sempre incompleta. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. (HALL, 2003, p. 34)

O objeto do documentário não foi bem o lixo. Marcos Prado se interessou de imediato pela vida e pelas relações desta catadora de lixo, por causa de seu “dialeto próprio” ao discursar. O filme de Estamira foi um testemunho, um depoimento de sua verdade que adicionada à loucura fez dela a personagem central de uma história muito semelhante à história de Carolina Maria de Jesus. Ambas sofreram os mesmos infortúnios e disabores. Deslocaram-se de uma área rural para a urbana, na busca de uma vida melhor e enquanto Carolina colocava no papel sua vida em forma de diário, Estamira proclamava, em viva voz, todo seu protesto no filme de Prado. Cada uma demonstrou um jeito especial de fazer valer suas histórias.

Se a vida pré-moderna era uma recitação diária da duração infinita de todas as coisas, com exceção da existência mortal, a vida líquido-moderna é uma recitação diária da transitoriedade universal. Nada no mundo se destina a permanecer, muito menos para sempre. (BAUMAN, 2005, p.122)

Analisa-se a identidade de Estamira e de Carolina de Jesus com base nas definições de Bauman (1998) nos refugos humanos e nas vidas desperdiçadas. São os excedentes desta sociedade de consumo, independente de sua doença, que durante seus momentos de lucidez, se enquadrava nesta sociedade que diferenciava o sujeito através da sua interação do seu eu com os demais.

Estamira, independente de ser portadora de um quadro comportamental movido por delírios de perseguições e alucinações, era uma mulher provida de inteligência e sensibilidade. Carolina e Estamira utilizaram seus discursos e escritos para dar voz aos oprimidos, injustiçados e rejeitados. O que representa a fala de Estamira no filme é um enorme desejo de acabar com a injustiça social, procurando através de seus delírios demonstrar às pessoas como superar os problemas socioambientais, na crítica ao homem por não sabe valorizar nem reaproveitar os recursos utilizados por ele. Marcos Prado nos passa através dessa leitura cinematográfica, a forma como os indivíduos integrantes de um cenário tão repugnante encontram para superar esta realidade, a qual a sociedade define como intolerável.

O filme de Marco Prado tem imagens fortes e densas que através do discurso de Estamira impressionou pela linguagem cinematográfica voltada para as antíteses assim como: dia/noite; chuva/sol; terra/mar; vida/morte; palavra/silêncio. Ela controla todas as situações através de sua fala, mesmo nos momentos de crise. Estamira nos mostra sua pobreza pelo documentário e ao mesmo tempo cala a todos com seu sentimento, quando brada junto com os trovões.

“Isso aqui é um depósito de restos e descuido. Às vezes é só resto. E às vezes vem também descuido. O resto e descuido. Quem revelou o homem, ensinou a ele a conservar as coisas. E conservar as coisas é proteger. É lavar, limpar e usar mais. O quanto pode. Miséria não! Mas a regra, sim! Por que economizar é maravilhoso.”

Estamira.



Frases de Estamira no documentário do filme de Marcos Prado

Fonte: <http://frasesdialogosdefilmes.blogspot.com.br>

Segundo relato dos filhos, Estamira preferiu viver no lixão, pois alegava estar cumprindo uma missão, a qual seria a de revelar e ensinar as pessoas o que elas não sabiam. Em suas reflexões deixava transparecer momentos de muita lucidez e sabedoria, na qual dia “quem revelou o homem como único condicional ensinou ele a conservar as coisas e conservar é proteger, lavar, reusar e usar mais. O quanto pode.” (Palavras de Estamira, no filme de Prado, 2005).

Estamira demonstra clara e fortemente sua profunda interação e socialização com este ambiente, assim como Carolina, famosa pelo sucesso de seu primeiro livro, concedeu entrevistas apresentando-se em universidades, programas de rádio e televisão.

A escritora depois de se sentir usada pela mídia, foi perdendo o amor pela literatura devido aos vários papéis assumidos previamente, sentiu-se como um peixe fora d’água e ao perceber a perda de sua identidade preferiu voltar à vida rural e simples do campo, onde comprou um sítio no interior de São Paulo. Morreu em 1977, triste, esquecida e pobre, tal qual Estamira.

Estamira Gomes de Souza morre aos 70 anos no Rio de Janeiro, em decorrência de uma infecção generalizada. O filme protagonizado por ela levou como título o próprio nome, recebeu 29 prêmios e entre eles o de melhor documentário no Festival do Rio (2004) e da Mostra Internacional de São Paulo, com plena divulgação em vários países e total reconhecimento da crítica como um dos melhores do gênero.

3. Considerações finais

Estas duas mulheres tiveram um papel de destaque no mundo das artes e das letras. Uma ascendeu magnificamente o cenário literário e outra serviu de inspiração para documentário que simbolizou o grito das pessoas descartadas que a sociedade transformou em lixo humano. Além de traços comuns de personalidade, mesmo em cidades diferentes e não se conhecendo, seus sonhos e ideais tornaram-se comuns na luta contra a fome e as injustiças. Seus pontos de críticas a uma sociedade preconceituosa foram intensos assim como foram as questões políticas e sociais da época.

Há uma grande semelhança entre Carolina e Estamira: mulheres, negras, faveladas que viveram na miséria. Uma foi vista de modo generoso apesar de viver uma realidade chocante, trouxe à tona, a linha poéti-

ca de suas narrativas, enquanto a outra por viver na miséria repulsiva, (o lixo) além de apresentar um quadro de perturbação mental causou medo aos que não a conheciam.

Suas histórias caminharam juntas, o sucesso de suas obras ultrapassou fronteiras. A linguagem usada nos respectivos trabalhos, foi simples, porém densa. Elas usaram a linguagem de seus cotidianos. As duas relataram suas misérias em forma de versos, tanto na literatura como na linguagem cinematográfica.

O processo de exclusão social e político colocou o ser humano como refugio, por ocasião da pós-modernidade. A globalização e a liquidez de sentimentos fragmentaram as relações sociais simbolizando a cultura do lixo, o urbano, o de consumo e até mesmo o lixo humano dando margens a vários trabalhos de filósofos, cientistas sociais, sociólogos e tantos outros pesquisadores que retrataram a realidade social, a periferia, as favelas, e a discriminação contra os que foram excluídos, cujas portas se abrem para poucos e se fecham para muitos.

O que representa a fala de Estamira no filme é o seu desejo de lutar e tentar acabar com os injustiçados e rejeitados. Marcos Prado nos passa através desta leitura cinematográfica, a forma como os indivíduos componentes de um cenário tão repugnante encontram condições de superar uma realidade que a sociedade define como vidas desperdiçadas, mas tanto Estamira como Carolina demonstraram fortemente uma profunda interação e socialização com a mesma sociedade da qual foram consideradas refugos, por assumirem o papel mais importante de suas vidas, o de seres humanos.

Ambas morreram pobres e esquecidas por esta mesma sociedade. Embora os espaços físicos destes encontros não existem mais, os lixos e as favelas continuam presentes como elementos marcantes de uma sociedade pós-moderna.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

ESTAMIRA. Direção e produção: Marcos Prado. Documentário. Rio de Janeiro: Rio Filme, 2005, 115 min.

HAAL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*. 9. ed. São Paulo: Ática, 2007.

_____. *Antologia pessoal*. Organizada por José Carlos Sebe Bom de Meihy. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Carolina Maria de Jesus: emblema do silêncio. Disponível em:

<<http://www.cefetsp.br/edu/eso/cidadania/meihyusp.html>>. Acesso em: 29-05-2013.

PENKALA, Ana Paula. Estamira e os urubus: crítica da razão (ao contrário) pós-moderna. *Revista Fronteiras: Estudos Midiáticos*, vol. 11, n. 2, p. 137-147, maio/ago. 2009. Disponível em:

<http://www.academia.edu/625643/Estamira_e_os_urubus_critica_da_razao_ao_contrario_pos-moderna>. Acesso em: 25-04-2013.

SANTOS, Joel Rufino dos. *Carolina Maria de Jesus: uma escritora improvável*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

SOUZA, Germana Henriques Pereira. *Carolina Maria de Jesus: o estranho diário da escritora vira-lata*. Vinhedo (SP): Horizonte, 2012.